

Roberto Wu
Cláudio Reichert do Nascimento
(Organizadores)



A obra inédita de
Heidegger

 editora
LiberArs

A obra inédita de Heidegger
© 2012, Editora LiberArs Ltda

Direitos de edição reservados à
Editora Liber Ars Ltda
ISBN 978-85-64783-09-6

Editores

Fransmar Costa Lima
Jasson da Silva Martins
Lauro Fabiano de Souza Carvalho

Revisão Ortográfica

Os autores

Editoração e capa

Cesar Lima

Impressão e acabamento

Gráfica Rotermund

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

013 A obra inédita de Heidegger / Roberto Wu, Cláudio Reichert
do Nascimento (Orgs.). – São Paulo, SP: LiberArs, 2012.
232 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-64783-09-6

1. Filosofia. 2. Filosofia contemporânea. 3. Hermenêutica. 4.
Heidegger, Martin.

CDU 1HEIDEGGER, MARTIN

Bibliotecário Responsável: Cristiane Pozzebom CRB 10/1397

Todos os direitos reservados. A reprodução, ainda que parcial, por qualquer meio, das páginas que compõem este livro, para uso não-individual, mesmo para fins didáticos, sem autorização escrita do editor, é ilícita e constitui uma contrafação danosa à cultura.
Foi feito o depósito legal.

Editora Liber Ars Ltda

www.liberars.com.br
contato@liberars.com.br

A FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA E A CONSTRUÇÃO TRIDIMENSIONAL DA VERDADE

Acylene Maria Cabral Ferreira

Universidade Federal da Bahia, Brasil
acylene@ufba.br

Em que sentido a fenomenologia pode contribuir para pensarmos de forma original e inovadora a questão da verdade? Nosso pressuposto é que ela nos permite refletir sobre a verdade em uma perspectiva tridimensional em vez de bidimensional (verdade/falsidade ou desvelamento/velamento). Grosso modo, podemos afirmar que a fenomenologia concerne ao *como* as coisas são em cada aparição. Isto significa que uma das características da fenomenologia consiste em que podemos ver a mesma coisa em perspectivas distintas, pois a cada vez que a coisa se mostra, ela exhibe um perfil que a determina naquela aparição. Este perfil ou perspectiva, que diz o que a coisa é em cada aparição, a fenomenologia designa de verdade. Se a mesma coisa pode ser vista a cada vez de forma diferente, podemos inferir que a verdade oriunda da fenomenologia não possui um caráter absoluto, mas relativo a cada aparição de uma coisa para alguém. Devido à reciprocidade entre aparição e verdade podemos acrescentar que a fenomenologia tem uma relação estreita com a verdade. Por isto, concordamos com Merleau-Ponty que através da fenomenologia, “a filosofia não é o reflexo de uma verdade prévia mas, assim como a arte, é a realização de uma verdade” (Merleau-Ponty, 1994, p. 19). O que acontece nesta realização? A exposição do ser e o acesso a coisa como ela é. Neste caso, vale dizer que a verdade é o meio pelo qual acessamos o ser de algo, ou seja, que acessamos isto que a coisa é em uma dada aparição. Como a aparição da coisa concerne à verdade da coisa, podemos inferir que a verdade condiz com o mostrar-se da coisa.

Porque o ser de um existente é exatamente o que o existente *aparenta*. Assim chegamos à idéia de *fenômeno* como pode ser encontrada, por exemplo, na 'Fenomenologia' de Husserl ou Heidegger: o fenômeno ou o relativo-absoluto. O fenômeno continua a ser relativo porque o 'aparecer' pressupõe em essência alguém a quem aparecer. [...] O que o fenômeno é, é absolutamente, pois se revela *como é*. Pode ser estudado e descrito como tal, porque é absolutamente *indicativo de si mesmo* (Sartre, 1997, p. 16).

Na medida em que o fenômeno é isto que o existente aparenta, ele indica o modo de ser do existente, revelando-o no modo como ele é encontrado. Melhor dizendo, o fenômeno nos conduz ao ser de uma coisa e a fenomenologia opera a redução do fenômeno ao ser. O que equivale dizer que do ser temos apenas uma indicação fenomênica. "*Como trabalho investigativo, a fenomenologia é precisamente o trabalho de colocar a descoberto e deixar ser visto*, entendido metodologicamente como retirado diretamente do velamento. *Ser-coberto é o contra-conceito do fenômeno* e tais velamentos são realmente o tema imediato da reflexão fenomenológica" (Heidegger, 1992, p. 86). Ora, se a fenomenologia é o trabalho de colocar a descoberto a coisa deixando com que ela seja vista, logo, o trabalho investigativo da fenomenologia é a verdade, no sentido de aparência, ou seja, de perspectiva ou perfil da coisa tal como ela se mostra. Nesta linha argumentativa, fenômeno, verdade e ser encontram-se intimamente interligados, de tal forma que somente há ser se há fenômeno ou verdade e reciprocamente. Porque a fenomenologia reduz o ser à verdade e o fenômeno ao ser, a elegemos como aporte teórico para tratarmos da verdade em seu caráter ontológico em vez de lógico, com o intuito de explicitarmos a dimensão tridimensional da verdade. Frente a este propósito, tomaremos como pilares os "três componentes do método fenomenológico - redução, construção, destruição - [que] pertencem um ao outro em seu conteúdo e devem receber fundamentação em sua pertinência mútua" (Heidegger, 1983, p. 23). Como a redução, construção e destruição podem nos ajudar a refletir sobre o caráter ontológico e tridimensional da verdade?

A redução (*reducere - zurückführen*) se entende inicialmente e antes de tudo como recondução do ente ao ser. [...] Mas ela é também visada imediatamente como isso que abre a diferença

do ente ao ser. [...] Neste sentido, toda metafísica está sempre, e desde o início, fundada sobre a redução. [...] A redução opera ainda, como para Husserl, do ente, tal como ele se dá na atitude natural, ao ser no sentido da consciência constituinte em sua esfera de absoluta posição, mas o ser não é mais compreendido por Heidegger como ser-absoluto da consciência. A redução leva diretamente – se é permitido falar assim – do ente, qualquer que seja sua determinação, ao ser *schlechthin*. Ou melhor, a redução não reconduz do ente ao ser como de um ponto a outro, de uma região a outra (esta que faz dela a arqui-região), mas ela libera imediatamente o *ente-ser* ou ainda o *ser-ente*, segundo o modo cada vez duplo de velamento-desvelamento. [...] Em todos os casos, a redução é isso pelo qual há fenômeno, no sentido da fenomenologia [...] reenviando o ente, não pela efetuação de uma consciência constituinte, a vida anônima da consciência a seus atos, mas ao ser e a sua verdade (Courtine, 1990, p. 226, 228-29).

Se entendermos, como Courtine, o termo “redução” como “recondução do ente ao ser”, então podemos corroborar que a redução é ontológica e ainda acrescentar que mediante a reciprocidade entre ser, fenômeno e verdade, a redução ontológica é uma recondução do ser à verdade e uma recondução do fenômeno ao ser, ou seja, uma redução do ser ao ente e uma redução do ente ao ser. Sendo assim, é possível dizer que a redução ontológica nos reconduz para a diferença entre ser e ente, denominada por Heidegger de diferença ontológica. Devido a esta característica de recondução da redução ontológica, pensamos que, na fenomenologia heideggeriana, este conceito pode ser visto como o esteio fundamental para a reflexão da verdade em uma perspectiva ontológica. Porém, como os três momentos do método fenomenológico mantêm uma relação de pertinência mútua de conteúdo, é preciso incluir, nesta reflexão, os conceitos de construção e de destruição. Em paralelo a dimensão tríplice do método fenomenológico, mostraremos que a verdade, na fenomenologia heideggeriana, tem um caráter tridimensional.

Seguindo tal paralelismo, equiparamos o conceito de redução ontológica ao conceito de diferença ontológica, não somente porque a redução é o primeiro momento do método fenomenológico, mas porque o conceito de diferença ontológica nos possibilita conceber a verdade tanto em seu caráter ontológico/fenomenológico (redução ou recondução do ente ao ser), quanto em seu caráter

ôntico (redução ou recondução do ser ao ente). Adotamos a diferença ontológica como conceito estrutural para a elaboração do caráter tridimensional da verdade, visto que além dos caracteres de ontológico/fenomenológico e de ôntico, pertence ainda à diferença ontológica o caráter de pré-ontológico (redução ou recondução do fenômeno ao ser). Consideramos este último como o caráter fundamental da diferença ontológica. Por quê? Pelo fato de que o fenômeno aparece no mostrar-se do ser, melhor, porque o ser se dá antecipadamente ao fenômeno, dizemos que este é originário da manifestação de ser. Esta afirmação apresenta uma dupla face, a saber, que o caráter de antecipação fundamenta o caráter pré-ontológico e que o fenômeno é reconduzido ao ser. Nesta recondução o fenômeno mostra isto que a coisa é em cada aparição. Isto significa que a manifestação de ser é constituída pelos caracteres de originário e de antecipação. Logo, podemos correlacionar o fenômeno aos caracteres de antecipação, originário e de pré-ontológico, pois isto que se mostra da coisa, o fenômeno, se dá antecipadamente à aparição da coisa. Por este motivo, entendemos que a verdade é originária do fenômeno, ou seja, que há a redução do fenômeno à verdade. Na medida em que equiparamos a diferença ontológica à redução ontológica tornou-se evidente para nós que o caráter pré-ontológico oscila para o caráter ontológico e que este oscila para o ôntico e reciprocamente. Notamos, ainda através desta equiparação, que da oscilação do caráter pré-ontológico para o ontológico acontece o modo de ser dos entes, o qual, por sua vez, condiz com o caráter ôntico da diferença ontológica e também com a redução do ser à verdade. Qual a implicação desta redução? Diríamos que o caráter pré-ontológico caracteriza a diferença ontológica como pré-temática, possibilitando a determinação e a tematização de tudo isto que é, a saber, entes.

Como partimos do pressuposto que a diferença ontológica fundamenta a verdade, então devemos considerar que a verdade também é estruturada pelos caracteres de pré-ontológico, ontológico e ôntico, os quais oscilam e deslizam entre si. Motivo pelo qual podemos inferir que a verdade apresenta um caráter tridimensional na fenomenologia heideggeriana. Nosso objetivo específico em correlacionar verdade e diferença ontológica consiste em mostrar que o caráter pré-ontológico é a condição de possibilidade para a pertinência mútua e a oscilação entre a verdade ontológica e a

verdade ôntica. Pois do nosso ponto de vista, a oscilação dos caracteres da diferença ontológica fundamenta a oscilação dos caracteres da verdade em diferentes modos de manifestação de ser e de aparição dos entes e, assim, ora expõe a verdade do ser, ora expõe a verdade do ente. A pertinência mútua da oscilação dos caracteres da diferença ontológica e da verdade indica que a manifestação de ser e a aparição do ente acontecem como uma forma de latência, na qual a verdade é tanto ontológica quanto ôntica. Esta latência que acontece na oscilação dos caracteres da diferença ontológica e da verdade nos reenvia para a redução ou recondução do ente ao ser na verdade ontológica, e para a redução ou recondução do ser ao ente na verdade ôntica. Neste sentido, podemos dizer que a redução ontológica nos permite compreender isto que é ser e ente. Ou seja, através da redução ontológica estabelecemos a diferença ontológica e a verdade em seu caráter tridimensional: pré-ontológico, ontológico e ôntico.

Como a redução ontológica pode fundamentar tanto a diferença ontológica quanto a verdade fenomenológica ou ontológica? Na construção, entendida aqui como compreensão prévia de ser. Ao correlacionarmos a redução ontológica à construção, segundo momento do método fenomenológico, por um lado, tencionamos indicar que a compreensão reconduz o ser ao ente e à verdade; e por outro, que ela reconduz o fenômeno e o ente ao ser. Conforme Cerbone (2010, p. 27), “a concepção de fenomenologia de Heidegger, portanto, se encaixa com sua insistência em começar com a compreensão de ser do *Da-sein*”. Porque somos um ente – *Dasein* (presença)¹, participamos de uma relação de latência com o ser e por este motivo experienciamos o ser vivendo entre os entes e explicitamos os entes mediante a compreensão de ser. Devido a esta constituição da presença, entendemos que a relação de latência entre presença e ser é originária da relação de latência entre ser e ente, própria à diferença ontológica. Enquanto constituída pela relação de latência entre ser e ente, a presença é estruturada pela compreensão prévia de ser que, evidentemente, tem a mesma estrutura da diferença ontológica, ou seja, a compreensão é pré-ontológica e pré-temática. Isto significa que a presença, enquanto

¹ Utilizaremos o termo “presença” para traduzirmos o termo “*Dasein*” em consonância com a tradução brasileira de *Ser e Tempo*, realizada por Márcia Schuback.

participa da relação de latência com o ser, é determinada pelo caráter de antecipação. Quer dizer, a compreensão de ser acontece previamente à conceituação de ser e ente e encontra-se latente na existência da presença, concedendo-lhe o privilégio tanto da definição de ser e ente quanto da constituição ontológica da presença e dos demais entes. Com a definição de ser e ente, a diferença ontológica torna-se fática e o ser conceituado. Isto é, a relação de latência entre ser e ente e entre presença e ser é determinante para entendermos que a presença é o ente que institui e revela a diferença ontológica. Por quê? Toda vez que a presença compreende isto que é o ente, ela o compreende em seu ser, visto que ela apropria o ser deste ente. Esta apropriação que lhe concede o acesso aos entes acontece tanto como uma forma de latência entre ser e ente, quanto em uma forma de oscilação entre a verdade ontológica e a verdade ôntica. Assim, a compreensão, modo de ser da presença, conduz a redução do fenômeno ao ser no modo da construção da verdade de ente e de ser. Por esta razão, correlacionamos a redução, primeiro momento do método fenomenológico, à construção, segundo momento do método. Esta correlação nos ajudou a esclarecer, primeiramente, como estes momentos se locupletam e são essenciais à filosofia, à medida que expõem a verdade de algo; e em seguida, como a fenomenologia pode constituir a verdade em uma perspectiva não apenas ontológica e ôntica, mas também pré-ontológica. Portanto, a correlação estabelecida aqui entre redução e construção, enquanto diferença ontológica e compreensão prévia de ser, aflorou para nós a possibilidade de constituirmos a verdade em um caráter tridimensional. Em que medida a fenomenologia realiza esta constituição?

Heidegger não fala unicamente nem principalmente da redução do ente ao ser, mas à *compreensão* de ser. [...] É, pois o retorno (*Rückgang*) ao *Dasein*, ou melhor, a compreensão de ser nele, a isto que nele é imediatamente ontológico, que torna possível a redução ao ser, a “construção” no sentido dos *GPdPh*. [...] Nos *GPdPh*, a construção deve ainda ser entendida em sua oposição ao terceiro elemento fundamental do método fenomenológico, a *destruição*. Esta, enquanto desestruturação da tradição e da herança tradicional, pode sem dúvida ser interpretada por sua vez como uma retomada transformadora da *Voraussetzungslosigkeit* husserliana; ela pertence em todo caso

essencialmente a abordagem unitária da redução-construção (Courtine, 1990, p. 229-31, 234).

Como já expomos a correlação dos dois momentos do método fenomenológico, resta-nos agora mostrarmos a correlação destes dois com o terceiro momento, a destruição, já que os três momentos do método fenomenológico têm uma relação de dependência mútua de conteúdo. Antes, convém esclarecer que, neste contexto, atribuímos à destruição o sentido de dissimulação da verdade e, também, que usaremos o termo “desvelamento do ente” como correlato do termo “aparicação do ente”. Por que encaramos a dissimulação como realizadora da desconstrução da verdade? Pelo caráter de deslocamento da dissimulação. Vejamos. Na dissimulação o desvelamento do ente se dá no modo de encobrimento do ser e a manifestação do ser acontece como encobrimento do ente. Neste sentido, a verdade é dissimulação do desvelamento no velamento e reciprocamente, quer dizer, a verdade na perspectiva da dissimulação desestrutura e assim desloca o desvelamento e o velamento de ser e de ente. Ao privilegiarmos o caráter de dissimulação em vez do caráter de desvelamento da verdade, contribuímos para a efetivação do deslocamento da verdade como desvelamento do ente para a verdade como dissimulação de ser e ente. Se admitirmos que “a construção na filosofia é necessariamente destruição, isto quer dizer, a des-construção dos conceitos tradicionais realizada na recursão histórica à tradição” (Heidegger, 1982, p. 23); então podemos considerar que na medida em que a dissimulação desloca e desestrutura o desvelamento e o velamento de ente e de ser, ela atua como a construção da verdade de ser e ente. Isto significa que a dissimulação retoma o binômio desvelamento/velamento no modo da redução como recondução do ser ao ente e deste ao ser.

Correlacionamos a dissimulação à destruição, no sentido de deslocamento de ser e ente, a partir do termo grego *alétheia*, focado aqui na acepção de desvelamento do ente. “Verdade e entes em sua entidade são o mesmo. Alétheia é um caráter dos entes. [...] Ente é desvelamento. [...] Abertura e desvelamento são o mesmo. [...] O homem é quem percebe os entes e garante sua entidade, isto é, sua verdade.” (Heidegger, 1994, p. 106, 115, 119, 121). Introduzimos esta citação de Heidegger porque ela estabelece uma pertinência

mútua entre verdade, ente, desvelamento e abertura. Ou seja, porque ela nos permite afirmar que a verdade é a abertura do ente para a dissimulação como desvelamento e velamento de ser e de ente. Tal afirmação, por sua vez, nos leva a constatar que os momentos do método fenomenológico – redução, construção e destruição – fundamentam tanto a relação de latência entre ser e ente e entre presença e ser, quanto a oscilação entre a verdade ontológica e a verdade ôntica na facticidade da presença. Dessa maneira, o método fenomenológico nos reenvia para a verdade ôntica e para a verdade ontológica pela distinção e conceituação de ser e ente, através das quais podemos tematizar sobre ser e ente e, conseqüentemente, sobre a diferença ontológica. Assim, sob nosso ponto de vista, a relação de latência entre ser e ente, entre ser e presença concede e funda o caráter de oscilação entre verdade ôntica e verdade ontológica.

Como a verdade ontológica, a verdade ôntica e a diferença ontológica contribuem para fundamentar a verdade pré-ontológica e constituir o caráter tridimensional da verdade? Em que medida a verdade ôntica condiz com a presença em seu ser? Se a verdade ontológica concerne ao ser dos entes, tornando-se o fundamento para a constituição ontológica do mundo, como ela fundamenta a verdade ôntica? Para nós, o nexó entre a latência da compreensão e a oscilação da diferença ontológica contribui para o entendimento do caráter pré-ontológico da verdade mediante a distinção dos caracteres de ôntico, ontológico e pré-ontológico constituintes da diferença ontológica. Como? A oscilação entre a verdade ôntica e a verdade ontológica origina-se da facticidade da presença, qual seja, “o caráter de fatualidade do fato da presença em que, como tal, cada presença é” (Heidegger, 2006, p. 102). Sendo facticidade, a presença relaciona-se com os entes compreendendo o ser e relaciona-se com o ser compreendendo os entes. A partir da facticidade da presença e da redução ontológica (primeiro momento do método fenomenológico) podemos atestar que a verdade ôntica diz respeito ao ente em seu ser e a verdade ontológica concerne ao ser dos entes. “Com a diferenciação, que é em si mesma clara, entre ôntico e ontológico – verdade ôntica e verdade ontológica -, temos efetivamente os elementos diferentes de uma diferença, mas não a própria diferença” (Heidegger, 2003, p. 412). Exatamente pelo fato de que esta diferença se funda na compreensão de ser que a

presença tem dos entes, que não a encontrarmos nos entes. Assim, a diferença ontológica aparece somente na conceituação de ser e de ente e se mostra tanto mais eficaz e pertinente enquanto diferença, quando entendemos que ela acontece previamente, na facticidade da presença, como modo essencial de ser deste ente. Isto significa que a diferença ontológica concerne apenas à presença. Desta maneira, podemos inferir que a verdade ôntica e a verdade ontológica nos fornecem os elementos distintos da diferença na qual a presença acontece (a relação de latência entre ser e ente), mas não nos fornecem o elemento diferenciável desta diferença. Por isto, esta relação de latência conflui para a oscilação entre ser e ente inerente a diferença ontológica. Motivo pelo qual a diferença ontológica é pré-ontológica, pré-temática, ou seja, latência antecipativa e oscilante em que a presença compreende ser e ente. Vale sublinhar que, na construção, a diferença ontológica ganha sentido na compreensão de ser da presença e, na destruição, a verdade concerne à abertura da presença enquanto o ente que compreende os entes em seu ser.

A verdade é o desvelamento do ente graças ao qual se realiza uma abertura. Em seu âmbito se desenvolve, ex-pondo-se, todo comportamento, toda tomada de posição do homem. [...] O desvelamento do ente enquanto tal é, ao mesmo tempo e em si mesmo, a dissimulação do ente em sua totalidade (Heidegger, 1979, p. 139, 143).

Baseados no fato de que quando o ser se manifesta, temos o ser do ente e quando o ser se vela, temos o ente em seu ser, partimos do pressuposto que a diferença ontológica imprime um caráter de oscilação à verdade e que o caráter de deslocamento da dissimulação da verdade expressa a latência do compreender e estrutura a presença como ser-no-mundo. Esta nossa pressuposição decorre do caráter de facticidade da presença, frente o qual a presença fundamenta a si e ao mundo. Neste caso, a facticidade da presença é também uma factualidade. Ao correlacionarmos a latência do compreender ao deslocamento da dissimulação da verdade, observamos que a presença, na verdade ôntica, relaciona-se com a sua factualidade e com a fatualidade do mundo. E ainda que na verdade ontológica, a presença fundamenta a sua facticidade, enquanto um ente que desvela seu ser velando-se a si mesma, e fundamenta a fatualidade do mundo, enquanto entes que vêm ao seu

encontro, constituindo assim a sua existencialidade e a mundanidade do mundo. Como a verdade tem o modo de ser da presença podemos dizer que a verdade, enquanto desvelamento de ser e determinação do ente, é fática. Sob este viés, a verdade é ôntica porque se refere tanto a facticidade da presença quanto a fatualidade do mundo.

Ao mesmo tempo em que correlacionamos os três momentos do método fenomenológico, correlacionamos também o caráter de deslocamento da verdade (a dissimulação do desvelamento e velamento de ser e ente) ao caráter de oscilação da diferença ontológica (a redução como recondução do ser ao ente e deste ao ser). Nossa finalidade foi esclarecer como da dissimulação do ser no ente, que acontece quando o ser se manifesta e se vela no ente, origina-se a verdade ontológica; e como da dissimulação do ente no ser, que se dá quando o ente se desvela e vela o ser, origina-se a verdade ôntica. Efetivamos tal correlação para mostrar que o caráter de deslocamento da verdade e o caráter de oscilação da diferença ontológica remetem-nos para o caráter de latência que acontece entre a compreensão de ser e de ente, que são próprias à presença. Pois na medida em que a presença compreende o seu ser, ela se desvela como o ente que ela é, seja no modo singular ou impessoal, tornando o seu ser si mesmo fático.

A verdade não está presente entre as coisas nem ela ocorre no sujeito, mas ela está – tomada quase literalmente – no meio, “entre” as coisas e o Dasein. [...] *Verdade e ser-verdadeiro* como desvelamento e desvelar têm o modo de ser do Dasein. Por sua natureza, verdade nunca é existente como coisa, mas existe (Heidegger, 1982, p. 214, 217).

Visto que a verdade não é um ente, mas um modo de ser do ente presença, podemos afirmar que o caráter de latência da compreensão de ser da presença coincide, na verdade ôntica, com o caráter de deslocamento da dissimulação do ente no ser. Como a verdade ontológica origina-se do modo de compreensão da presença, no qual ela compreende o seu ser si mesma e o ser dos demais entes, podemos dizer que na verdade ontológica a presença revela o ser de um ente. Diante disso, a verdade ôntica e a verdade ontológica nos conduzem para o caráter de dissimulação da verdade, qual seja, desvelar-se velando-se, e reciprocamente. A verdade ôntica desvela a facticidade da presença e a fatualidade do mundo e a

verdade ontológica desvela a dinâmica de compreensão disto que é a presença enquanto facticidade e daquilo que é o mundo enquanto fatualidade. Ou seja, no deslocamento da dissimulação da verdade ôntica o ente desvela seu ser e no deslocamento da dissimulação da verdade ontológica acontece a manifestação de ser de um ente. Sendo assim é plausível afirmarmos que o caráter de deslocamento da verdade, entendido como dissimulação, transfigura-se no caráter de oscilação da verdade. Dito de outra maneira: a verdade pré-ontológica fundamenta e determina a verdade ontológica e a verdade ôntica, e reciprocamente.

Em que sentido a oscilação da diferença ontológica determina o deslocamento da dissimulação da verdade e a latência da compreensão? Melhor, como a redução ontológica determina a destruição e a construção da verdade? Entendemos que a oscilação entre ser e ente torna-se mais evidente no deslocamento da dissimulação da verdade e na latência do compreender, porque a presença tem o privilégio de em sendo, isto é, na facticidade, compreender o ser. Por este motivo, a presença compreende ser em meio aos entes. Isto significa que ela compreende o ser a partir da sua facticidade e da fatualidade do mundo. Da mesma forma que na oscilação da diferença ontológica, na latência do compreender a presença compreende os entes em seu ser porque ela já traz em si, previamente, uma compreensão disto que é o ser. Por esta razão a presença é pré-ontológica. Portanto, incrustada na oscilação da diferença ontológica, enquanto redução ontológica, e no deslocamento da verdade, enquanto dissimulação, a presença se constitui pelo caráter de latência inerente a compreensão de ser e de ente. Neste sentido, entendemos que a “*ἀλήθεια* constitui o plano de fundo decisivo de toda fenomenalidade. [...visto que a *alétheia*, entendida como desvelamento do ente, diz respeito ao fenômeno, àquilo que se mostra ou aparece do ente, e à verdade, enquanto aparência ou aparição do ente em seu ser.] Como o diria J. Beaufret, em 1927, e em toda a obra ulterior de Heidegger, tudo gira em torno da *ἀλήθεια*” (Courtine, 1990, p. 262, 271). Tal constatação nos permite concluir que fenomenologia, ser e verdade encontram-se intimamente entrelaçados e mantêm entre si uma relação de pertinência mútua de conteúdo que os caracteriza em uma perspectiva tridimensional.

Referências

CERBONE, David R. *Heidegger: a Guide for the Perplexed*. London: Continuum, 2010.

COURTINE, Jean-François. *Heidegger et la phénoménologie*. Paris: J. Vrin, 1990.

HEIDEGGER, Martin. *Basic Questions of Philosophy: Selected "Problems" of "Logic"*. Indianapolis: Indiana University Press, 1994.

_____. *Conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

_____. *History of the Concept of Time*. Indianapolis: Indiana University Press, 1992.

_____. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. Sobre a essência da verdade. In: *Heidegger: conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, pp. 127-145 (Os Pensadores).

_____. *The Basic Problems of Phenomenology*. Indianapolis: Indiana University Press, 1982.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.